

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda do Paraíso

código
AIII-F2O-RF

localização

Rodovia RJ-145, próximo ao perímetro urbano das localidades de Manuel Duarte (2º Distrito de Rio das Flores – RJ) e de Porto das Flores (distrito de Belmiro Braga – MG)

município
Rio das Flores

época de construção
1853

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária leiteira e de corte, residência de veraneio / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Valença



Fazenda do Paraíso

coordenador / data
equipe
histórico

Annibal Affonso Magalhães da Silva – jul 2009
Rita de Fátima Machado Vilela, Geraldo de Souza Bastos Filho e
Annibal Affonso
Adriano Novaes

revisão
Coordenação técnica
do projeto

A Fazenda do Paraíso localiza-se no município de Rio das Flores (RJ), no distrito de Manuel Duarte. O acesso é feito pela Rodovia RJ-145, na direção Valença - Manuel Duarte, através de uma bifurcação situada à esquerda da estrada, após 9 km do centro de Rio das Flores.

A sede da fazenda está próxima aos núcleos urbanos de Manuel Duarte (RJ) e Porto das Flores (MG), localidades separadas pelo rio Preto, que faz a confrontação entre os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais nesta região. O belo conjunto arquitetônico encontra-se implantado a poucos metros da rodovia, no final de uma grande reta delineada por um renque de palmeiras imperiais que se destaca na planície que abriga o sítio histórico. No entorno, fragmentos de mata sobressaem na paisagem típica da região, caracterizada por morros meia laranja recobertos por pastagens (f01)

A entrada da propriedade é identificada pela construção em tijolos maciços da antiga parada de trem de Paraíso, que permaneceu à beira do asfalto da rodovia (f02). No início do caminho que leva à casa-sede há uma pequena ponte transpondo o córrego Manuel Pereira (f03), que passa em frente da propriedade.



01



02



03

Seguindo o trajeto principal, depara-se com uma murada com a base e os pilares de pedra lavrada, intercalados por gradis de ferro terminados em pontas de lança. Destaca-se o portão de entrada trabalhado em ferro, cujas pilastras laterais são encimadas por compoteiras (f04). Esta murada delimita um amplo espaço retangular que tem, no lado oposto, centralizado no eixo, a casa-sede, ladeada nas extremidades por dois blocos em formato de “L”. Juntamente com a murada, estes prédios delimitam o perímetro dos antigos terreiros, hoje usados como pomar e um grande pátio aberto.

Um renque de palmeiras centenárias, intercaladas por espécies mais jovens, concentra-se neste trecho da alameda que segue até a casa-sede (f05). Esta surge majestosa, no eixo dessa entrada monumental (f06).



04



05



06

À sua frente abre-se um largo que circunda um pequeno lago, que possui no centro uma escultura de sereia, fundida em bronze de onde jorra a água (f07 e f08).

Esta belíssima paisagem encontra-se retratada na pintura do artista italiano Nicolau Facchinetti, datada de 1875 (f09).

A alameda de entrada divide o espaço frontal da sede em dois quadriláteros. À esquerda, o terreiro de café em piso de terra, transformado num pomar gramado, onde predominam árvores de porte médio. Na sua extremidade, posiciona-se o bloco da antiga enfermaria e do hospital, bem como a cozinha dos escravos, no vértice das duas pernas do bloco. Construído ao rés-do-chão, ele apresenta características de casa de moradia, com suas portas e janelas tradicionais (f10). Um óculo decora a empena lateral, sendo que, para os fundos, volta-se um avarandado.



07



08



Fazenda Flores do Paraíso, detalhe do óleo sobre tela de Nicolau Facchinetti, 1875

09

Já o quadrilátero à direita permanece descampado, onde se observam os vestígios dos dois antigos terreiros, separados por uma canaleta central para coleta de água. Um deles teve o piso de macadame coberto por grama (f11); o outro ainda conserva sua cobertura original (f12). Este último terreiro está próximo à tulha e ao engenho, que ficam acoplados dentro de um mesmo bloco, com configuração em “L”, fechando os limites e a extremidade direita do quadrilátero (f13 e f14).

Esta edificação também foi construída ao rés-do-chão. A tulha situa-se na lateral e um avarandado cobre toda sua extensão, para onde se abrem amplas portas de madeira (f15).



10



11



12



13



14



15

O engenho posiciona-se alinhado com a casa-sede, com portas e janelas voltadas para os terreiros (f16 e f17). Um tanque coleta a água vinda de um bica-me de concreto (f18) – abastecido pela roda d'água –, distribuindo-a por meio de canaletas (f19) a outro tanque, na extremidade da tulha, que as conduz para o exterior (f20). Fora desta disposição, delimitada pela murada e por esses blocos de edifícios, estão os demais setores que atendem ao funcionamento das atividades da fazenda. Na extremidade esquerda, confrontando-se com o bloco da enfermaria, havia uma construção em formato de "O", conforme representada por Nicolau Facchinetti em sua obra (vide f09). Trata-se do bloco da senzala, cuja entrada voltava-se para frente, onde ainda é possível notar uma elevação no terreno, no caminho que a ligava ao acesso principal, na altura da bifurcação existente. A outra bifurcação, que segue para a extremidade direita, continua ativa e leva às instalações de trabalho utilizadas para ordenha leiteira e para a lida com o gado de corte. Este setor é formado, em sua grande maioria,



16



17



18



19



20

pelos blocos remanescentes da época cafeeira, sendo que, dentre eles, se destaca a engenharia do aqueduto em arcos seqüenciais (f21). O aqueduto é abastecido por uma banqueta artificial, que captura a água cerca de 1 km acima, no córrego Manoel Pereira.

Construído com tijolo e pedra, este aqueduto abastecia as rodas d'água dos engenhos (f22). Uma dessas rodas atendia ao bloco do engenho de serra. A segunda roda d'água encontra-se instalada entre o engenho de café e o engenho de cana, fornecendo energia aos mesmos (f23). A chaminé servia ao forno para fazer melado.

Esses prédios ficavam delimitados por um muro de adobe, que possuía uma abertura para os fundos. O bloco da ordenha leiteira, que se encontra ao centro, foi construído nas últimas décadas, conforme revelam as técnicas e os materiais empregados (f24).



21



22



23



24

Paralelo a ele, há outra construção, feita no século XIX. Na verdade, são dois blocos acoplados: o maior servia como depósito de cachaça e o outro como rancho (f25). Aos fundos, fora dos limites deste conjunto, avista-se outra construção, de dimensões consideráveis: um curral que abriga o gado bovino, construído com técnicas e materiais contemporâneos.

Situada à frente da roda d'água dos engenhos de cana e de café, segue uma canalização de pedra, por onde corre a água utilizada neste sistema. À esquerda desta roda d'água existem três portas, instaladas num nível superior em relação ao terreno (f26). Essas portas estão localizadas na extremidade do engenho de café, e sua função era abastecer as tropas de cavalo e carroças que ali estacionavam para serem carregadas.

O bloco da forja localiza-se logo à frente (f27), alinhando-se ao depósito, que no passado serviu como moinho elétrico.

A construção horizontal que corre lateralmente abriga, na parte superior, a tulha (f28) e, na inferior, dois outros usos. Em seu trecho inicial, no vértice com o bloco do engenho de café, há uma passagem entre esses planos. Boa parte de seus espaços foram adaptados para servir como baias de cavalos, recebendo acesso por rampa. Suas janelas mantêm fechamento com varas de madeira dispostas na vertical, formando um gradeado (f29). Sua parte final apresenta três portas e janelas com folhas cegas de abrir (f30), sendo, atualmente, utilizada como moradia. Nota-se que algumas janelas possuem soleira de pedra na base, mostrando que, em determinado momento, substituíram as portas que ali existiam

A fazenda possui um cemitério de escravos, localizado próximo às margens do rio Preto. O acesso é pela estrada que leva à Fazenda da Loanda, e sua entrada fica após a primeira ponte, sobre o córrego Manoel Pereira.



25



26



27



28



29



30

A sede da fazenda configura-se como um prédio de dois pavimentos, assentado sobre porão baixo. Desenvolve-se num bloco único, articulando-se em formato de “U” para os fundos, com o corpo principal mais largo do que os laterais.

A fachada principal divide-se em três tramos, sendo dado destaque ao tratamento da composição do pano central (f31). Seu embasamento é composto por soco em blocos de pedra lavrada, até a altura dos vãos. Estes possuem, nos panos laterais, em ambos os pavimentos, envasaduras simétricas e ritmadas, com cercaduras retas (vergas, peitoril e umbrais) em cantaria. No eixo central do pavimento térreo destaca-se a portada principal, ladeada por dois vãos de acesso de largura inferior (f32). Todas são vedadas por folhas de madeira cega almofadada, fechadas no alto por bandeiras em gradilhado de ferro. A porta principal é arrematada por verga em arco de três centros e as outras duas em arco pleno.

Sobre elas, no andar de cima, postam-se outras três portas, todas idênticas, amparadas por sacadas em guarda-corpo de ferro e sustentadas por base de pedra em cantaria com as extremidades adoçadas. As folhas são cegas e almofadadas para o interior e de caixilhos de vidro para o exterior, fechadas por bandeiras ao alto e arrematadas com vergas em arco pleno (f33).

O restante do plano da fachada constitui-se por seis janelas por pavimento em cada lado, todas terminadas em verga reta, decoradas acima por sobrevergas caprichosas. A grande maioria possui fechamento duplo: guilhotina de vidro e postigos de madeira ao centro e folhas de madeira cega e almofadadas (f34 e f35) abrindo para o interior. Nota-se, porém, que as janelas superiores à direita receberam folhas de veneziana abrindo para o exterior, protegendo os ambientes dos raios de sol (f36).



32

¹ Não foi permitido o acesso ao interior da casa-sede da Fazenda do Paraíso, assim, não há descrição arquitetônica interna nem, tampouco, detalhamento do estado de conservação, itens comuns às outras fazendas.



31



33



34



35



36

A composição da fachada principal é ainda movimentada pela presença de pilastras que delimitam cada conjunto de três janelas. Embasadas sobre soco de pedra escalonada (f37), têm seus capitéis projetados do pano da fachada, ressaltando o desenho dos frisos da larga cimalha em madeira (f38 e f39). Esta é emoldurada abaixo, em toda a sua extensão, por uma faixa contínua na cor azul, entremeada por estrelas brancas e, por outra faixa azul que corre no meio, decorada por denticulos brancos.

O telhado apresenta cobertura em oito águas, com as tradicionais telhas capa e canal. Dois pináculos em ponta de agulha, colocados em cada extremidade da cumeeira, fazem o arremate de topo.

As fachadas laterais apresentam-se mais simples, não possuindo o mesmo grau de ornamentação. O espaçamento entre as esquadrias não obedece a um ritmo preciso, sendo os elementos dos portais (verga, umbrais e peitoril) feitos de madeira. As janelas abrem-se ao centro, com guilhotina e com folhas cegas para interior (f40). Ambas as fachadas laterais possuem entradas, destacando-se a da capela, na esquerda, e a da direita, com acesso em porta dupla, protegida por uma cobertura metálica atirantada.

Neste lado espraia-se um jardim interno. O aqueduto fecha os espaços pela lateral direita. Um muro limita os fundos do terreno e o bloco da cozinha de apoio encosta-se nele. Um pequeno riacho, abastecido por uma cascata, corre por estes espaços. O destaque deste pátio é a fonte d'água. Abrigada ao centro do bloco em "U", ela representa uma estátua de bronze de um menino segurando uma ave (f41).



37



38



39

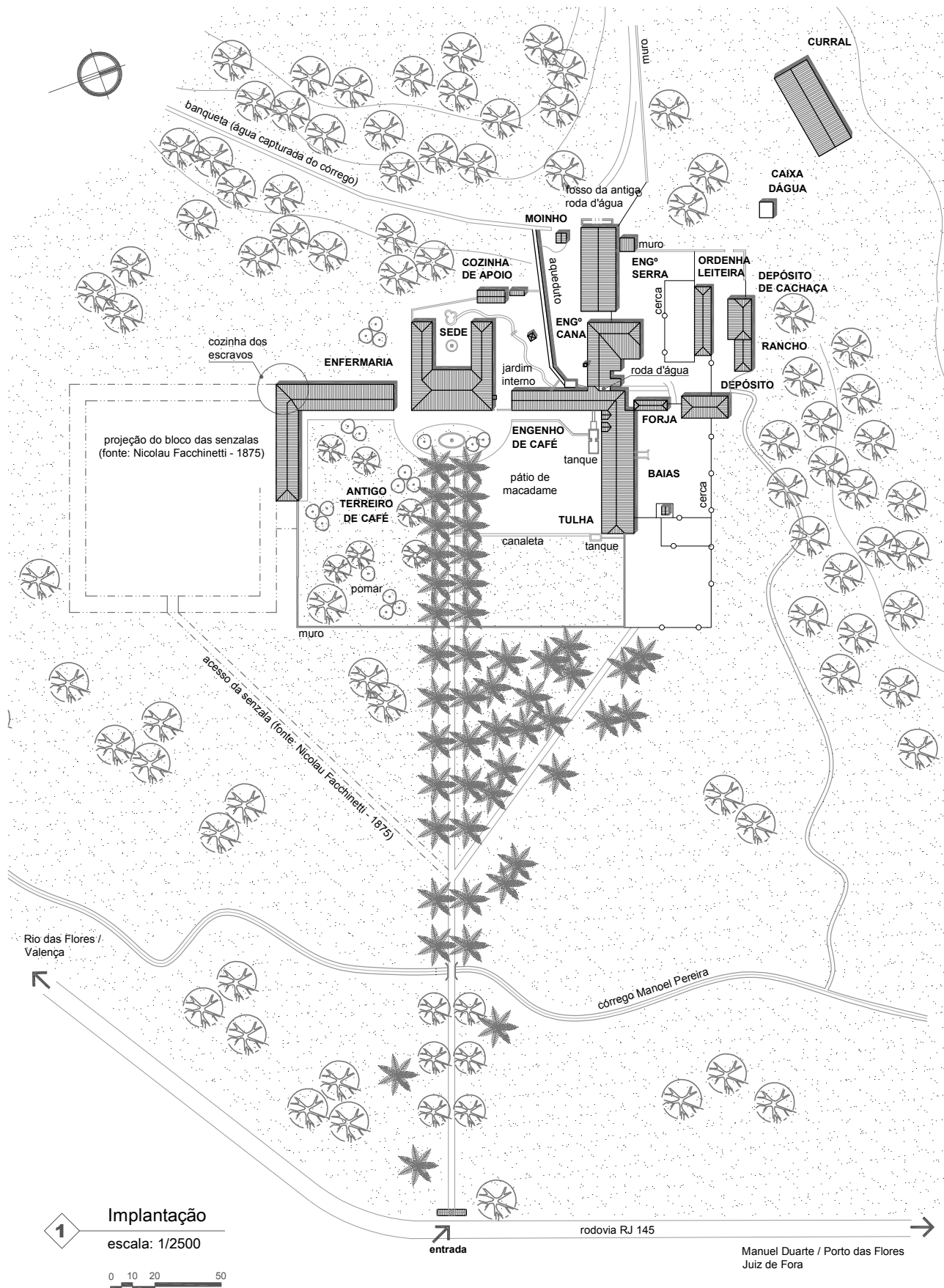


40



41

FAZENDA DO PARAIZO



1 Implantação
escala: 1/2500
0 10 20 50

Inicialmente constituía uma sesmaria de meia légua em quadra (225 alqueires), concedida pela Coroa Portuguesa ao padre Manoel Joaquim Cordeiro Nunes¹, por volta de 1812.

Alguns anos depois, Nunes a vendeu ao casal João Pedro Maynard d'Afonseca e Sá e Joana Edwirges de Menezes e Souza, possuidores da vizinha Fazenda da Barra das Flores, hoje denominada Loanda.

Após o falecimento de Maynard, sua viúva se desfez das fazendas, vendendo-as, em épocas diferentes, a Domingos Custódio Guimarães², futuro barão e visconde do Rio Preto, sendo a Paraízo adquirida por volta de 1842³.

A Fazenda do Paraízo, adquirida em pura mata, foi um dos mais prósperos estabelecimentos de café do Vale do Paraíba. Sua unidade de produção, construída entre os anos de 1845 e 1853, foi considerada, para a época, uma fazenda modelo (f42). Rio Preto implantou em sua Flores do Paraízo – como inicialmente era denominada – uma série de modernidades pioneiras no Vale. Entre as iniciativas que devem ser ressaltadas, estão: a instalação de um moderno maquinismo de beneficiamento de café por força motriz, importado dos Estados Unidos – as máquinas Lidgerwood – e a iluminação a gás nas dependências da sede da fazenda, quando o Império ainda desconhecia o sistema (ANDRADE, 1989).

Sua fazenda produzia de tudo. Nos primeiros anos como agricultor, plantou cana e café e adquiriu mais de 500 escravos, além dos já encontrados na Fazenda da Barra, a pioneira. Comprou todos os sítios confrontantes a suas fazendas de Flores do Paraízo e Barra das Flores, tais como: Criméia, Santa Vitória, São Leandro e as fazendas Cachoeira do Bom Sucesso (que mudou o nome para Santa Thereza), União, Santa Bárbara e duas sesmarias em pura mata virgem que as batizou de Santa Genoveva e Mundo Novo. Havia, na província de Minas Gerais, as fazendas Mont'Alverne, Santa Quitéria, Monta Cavallo (que também mudou o nome para Aliança), além dos sítios Coelho, Machado, São Bento, Retiro, Assude, Pinheiros e Torquato. Tirando apenas as duas sesmarias, todas as outras propriedades possuíam unidades de produção de café⁴.

No campo social, Flores do Paraízo também se destacou, pois havia nela uma banda musical composta por 80 escravos, que fazia apresentações em festividades da fazenda e em Valença, com rico repertório. Escravos artistas, como foi o caso de mestre Justino, que o próprio se gabava por ter sido o mais “caro” para o visconde. Justino havia sido discípulo de Debret, falava fluentemente o francês e foi responsável pelos trabalhos de pinturas de marmorização nos rodapés do palacete, auxiliando nos arremates o pintor espanhol José Maria Villaronga, autor dos painéis pintados nas paredes da sede da fazenda. Havia também escravos marceneiros, como mestre Domingos, que produzia cópias fiéis de móveis em jacarandá no mais puro estilo Luis Felipe, Luis XV e Luis XVI; além de hábeis escravas tecelãs que bordavam e teciam colchas de lã de carneiro, criados ali mesmo na fazenda (ANDRADE, 1989).



Fazenda Flores do Paraízo, detalhe do óleo sobre tela de Nicolau Facchinetti, 1875

Quando do falecimento do visconde do Rio Preto, ocorrido no dia 7 de setembro de 1868, durante as festividades de inauguração do ramal da Estrada União e Indústria, obra para a qual muito contribuíra, a fazenda contava com 319.000 pés de café somente na Flores do Paraíso, de um total de 1.215.000, que se encontravam distribuídos por outras fazendas e chácaras, onde trabalhava um total de 1.179⁵ escravos.

Cinco anos após a morte do visconde, faleceu a viscondessa e a fazenda ficou para o filho do casal, Domingos Custódio Guimarães Júnior. Este, agraciado com o título de segundo barão do Rio Preto, faleceu ainda jovem, no ano de 1876. A fazenda ainda permaneceria na família até 1895, quando foi vendida a Manuel Vieira Machado da Cunha, barão d'Aliança⁶.

Em 1912, o barão d'Aliança vendeu a propriedade para Alexandre Belfort Arantes. Regina Belfort Arantes e Galileu Belfort Arantes herdaram a fazenda do pai, Sr. Alexandre. Em 1941, Galileu comprou a parte pertencente à sua irmã, tornando-se único proprietário. Flores do Paraíso passou para sua esposa, Sra. Guiomar Andrade Arantes, que veio a falecer em 1984, deixando a fazenda para os herdeiros, Yolanda Belfort Carneiro da Silva e Elza da Glória Belfort Raposo (PIRES, 1995).

A família Belfort Carneiro da Silva e descendentes de Antônio Belfort de Arantes, barão de Cabo Verde, zelam e preservam o principesco solar de 58 cômodos e 2.200 m² em área construída. Internamente, Paraíso preserva quase todo o mobiliário original da época da sua construção, em 1853.



Fazenda Flores do Paraíso, durante a visita de Nilo Peçanha, foto s.a., 1905. Acervo do Museu Histórico de Rio das Flores



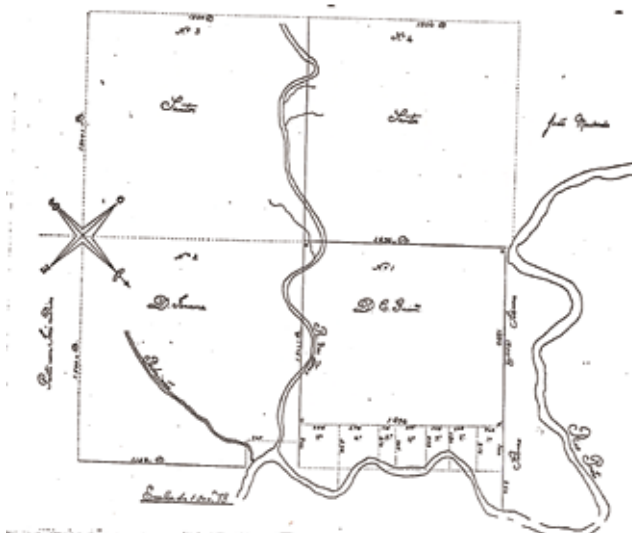
Fazenda Flores do Paraíso, foto Stille, c.1940. Acervo do IPHAN



Aqueduto e engenho da Fazenda Flores do Paraíso, foto Jacinto, c.1940. Acervo do IPHAN



Mobiliário da Fazenda Flores do Paraíso, foto Jacinto, c.1940. Acervo do IPHAN



Sesmaria das fazendas da Loanda e Paraízo. Fonte: Dissertação de autoria de Célia Muniz

¹Sesmaria de Joaquim Nunes Cordeiro. Caixa 149, nº 15. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

² Domingos Custódio Guimarães nasceu no ano de 1802, em Carrancas, Minas Gerais. Com notável aptidão comercial, ainda jovem, associou-se a um dos homens mais ricos de seu tempo, João Francisco de Mesquita, barão, visconde, conde e, afinal, marquês de Bonfim. Tratavam os dois sócios de abastecer o Rio de Janeiro de carne verde, fazendo descer de Minas Gerais grandes rebanhos. Após a dissolução da firma Mesquita & Guimarães, Domingos resolveu investir grande parte de seu capital nos negócios da lavoura cafeeira, então principal produto de exportação do recém-criado Império Brasileiro. Primeiro barão, a 06/12/1854 e visconde, com grandeza, a 14/3/1867, de Rio Preto, não foi apenas mais um fazendeiro de café: foi um dos maiores progressistas de seu tempo. Sua Fazenda Flores do Paraízo foi transformada na “fazenda modelo” ou a “Jóia de Valença”, como ficou conhecida no século XIX. Prestigiava o progresso da região através de obras de benemerência, como a ajuda financeira à importante Santa Casa da Misericórdia de Valença, obras de calçamento e abastecimento de água na mesma cidade. Em Santa Thereza, hoje Rio das Flores, foi o primeiro provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que auxiliava na manutenção da matriz que ajudou a construir. Construiu, às suas custas, o primeiro cemitério público da Freguesia. O visconde morreu em meio a glórias, aos bens vividos 67 anos de idade. Faleceu em plena festa, que organizou em sua Fazenda Flores do Paraízo, para comemorar seu aniversário natalício e seu maior feito, a inauguração do ramal União e Indústria. Tãmanha foi a repercussão que, durante um mês após a morte do visconde, os jornais das principais cidades do Vale e da Corte ainda noticiavam o ocorrido naquela fatídica tarde do dia 7 de setembro de 1868.

³ MUNIZ, Célia Loureiro. Os donos da terra: um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense, no século XIX. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Centro de Estudos Gerais – Universidade Federal Fluminense – Niterói 1979. p.21.

⁴Partilha dos Bens do Visconde do Rio Preto, caixa. 1695, ano: 1869. Museu da Justiça. Rio de Janeiro.

⁵ Idem.

⁶Manoel Vieira Machado da Cunha nasceu em 1847 na Fazenda da Saudade, então Freguesia de Santa Thereza de Valença, atual Rio das Flores, propriedade de seus pais, João Vieira Machado da Cunha e Maria Isabel de Jesus Vieira. Manoel era membro de um dos mais importantes clãs do Vale do Paraíba – os Werneck, sobrinho do visconde de Ipiabas e do barão do Rio das Flores. Projetou-se na sociedade como importante líder local, além de grande produtor de café. A origem de sua fortuna está na sociedade formada com sua mãe e seus irmãos na Fazenda da Saudade, através da firma “Maria Isabel de Jesus Vieira & Filhos”. Após a dissolução da sociedade, adquiriu as fazendas Santa Maria e Saudade (que não deve ser confundida com a primeira), ambas na localidade do Abarracamento, hoje com suas sedes desaparecidas. Começou sua vida pública na Freguesia de Santa Thereza Valença, onde participava ativamente através da venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santa Thereza e no Batalhão da Guarda Nacional, onde alcançou a patente de alferes. Em 29 de agosto de 1882, foi agraciado com o título de barão d’Aliança. Nesta mesma época, faleceu seu sogro e tio, o visconde de Ipiabas, quando herdou a Fazenda Campos Elíseos, a segunda mais importante propriedade dos Ipiabas. No final do século XIX, já consagrado como importante líder político local, participou ativamente em prol da emancipação política administrativa da então Freguesia de Santa Thereza de Valença, vitória alcançada em 17 de março de 1890. Foi eleito primeiro presidente da Câmara Municipal, quando este cargo ainda era unido ao do poder executivo. Em 1905, recebeu em elegante acolhida, em sua Fazenda do Paraíso, o então presidente do Estado do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, futuro Presidente da República. Entre 1904 e 1907, Aliança ocupou novamente o cargo de presidente da Câmara Municipal da Vila de Santa Thereza. Casou com sua prima Maria Peregrina Pinheiro Werneck, filha dos viscondes de Ipiabas, com quem teve uma única filha, de nome Maria Augusta. Faleceu no dia 17 de março de 1934, no Rio de Janeiro, onde foi sepultado.